História da Literatura Cearense

(Comentários ao Livro de DOLOR BARREIRA)

POMPEU P. S. BRASIL

Em cumprimento do trabalho que lhe foi confiado, na feitura da História do Ceará, publicou Dolor Barreira o tomo 1.º da História da Literatura Cearense.

Tencionava só fazer-lhe comentários quando estivesse concluída, mas preferi antecipar-me, afim de permitir ao autor aproveitar algumas de minhas sugestões, caso o queira.

O livro em apreço, incontestavelmente, merece ser lido.

D. Barreira, com a meticulosidade e a competência de legítimo historiador, despendeu o ingente esfôrço, não só de rebuscar e compulsar todas as fontes capazes de informação, mas também de ler e examinar pessoalmente tudo quanto os literatos cearenses teem produzido, desde os primórdios até a actualidade, e presenteou-nos desde já com a terça parte, aproximadamente, do fruto de suas pesquisas.

Além disso, êsse trabalho recomenda-se-nos como um produto literário.

Seu estilo, sem artefícios preciosos e supérfluos, infelizmente ainda muito do gôsto de vários escritores, possui todos os predicados convenientes à história. E' uma exposição clara, fluente e agradável, mesmo quando trata de factos visivelmente secundários.

Tais virtudes, aliás, não foram surpresa para mim, pois já as conhecia de seus outros escritos.

Mas, a história da literatura, embora restrita a da região dum país, implicando sempre crítica, em vez de ser apenas

cronologia, é cometimento muito complexo. Fica sujeito a sem número de divergências, apesar de nem todas justas.

Proponho-me aqui, de certo ponto de vista, fazer ligeiras considerações sôbre alguns assuntos do livro.

A primeira aptidão para poder-se organizar uma história da literatura, aliás como qualquer outra, é saber distinguir seus factos de outros, sobretudo dos afins.

Reconhecendo essa necessidade, D. Barreira, num de seus primeiros capítulos, transcreve diversas definições de literatura, analisa-as e, ao fim, da preferência a que lhe parece mais aceitável.

Em vez de extrair uma generalização dos próprios factos ou de invocar os juízos dos grandes estetas, isto é, os realmente originais, limita-se aos dos pensadores luso-brasileiros.

Êsses são simplesmente dialéticos e mesmo alguns incongruentes. Seus defeitos preponderam claramente sôbre as vantagens. Não me darei ao trabalho de criticá-los directa ou indirectamente.

A definição de literatura, como qualquer outra, não é um conceito arbitrário. Deve seguir as prescrições da lógica.

Definir é dar os caracteres comuns e exclusivos duma espécie, afora os do gênero próximo. Corresponde, pois, a uma imagem geral.

Quais são essas propriedades em literatura ?

Em meu trabalho — *Arte e Expressão*, publicado na revista — *Estética*, sustentei que arte é tam sómente a expressão. E em outro escrito meu, *Arte e Estética*, inserto na *Revista do Instituto do Ceará*, vol. de 1947, reduzi-a mais ainda à mera aplicação da expressão.

Em resumo, aí digo que arte não é raciocínio, quer dedutivo, quer indutivo, nem mesmo imagem, porque, numa de suas classes, aliás não pequenas, designada — natureza morta — em pintura e escultura, que se extende à literatura, o seu conteúdo se torna tãm vulgar e simples, contendo tam poucos elementos, que passa quasi despercebido, não transpondo a margem da consciência.

Também, esclareço que não constitui criação da expressão, porque, em seus melhores espécimes, isto é, nas suas obras primas, não se encontram geralmente manifestações disso. Hajam

vista os grandes poetas e prosadores, quer antigos, quer modernos.

Alguns deles, realmente, inventaram algo em expressão, mas tam pouco, que nunca lhes aumentou a celebridade. E' quasi dispensável prová-lo.

Os iniciadores de literatura, como Homero, Plauto, Dante, Rabelais, Shakspeare, Lutero, etc., cingiram-se a recolher a linguagem popular e a torná-la menos irregular.

Mallarmé apenas sistematizou a simbolização.

Marinetti sómente propôs o emprêgo exclusivo de certas classes de palavras e de certas figuras, mas já conhecidas de per si.

A métrica hodierna é, sem dúvida, a simplificação máxima do verso, verdadeiro produto de involução, ou homogenização. A poesia primitiva devia ter sido quasi assim. Os hinos de Hesiodo ainda são muito livres. Os gregos e latinos nunca usaram rima.

A expressão em geral originou-se da sociedade. As línguas foram feitas pelos povos e as técnicas das demais artes, pelos grupos maiores e anónimos dos seus cultivadores.

Quem inventou os metros, scissuras, estribilho, etc? Conhecem-se apenas, embora sem muita segurança, os iniciadores de alguns recursos métricos (dodecassílabo, metro bárbaro, poemeto em prosa, etc.) Êsses criadores, aliás, foram todos poetas medíocres.

Enquanto que as obras de arte derivam sempre de indivíduos ou pequenos grupos.

A arte nada mais é do que a aplicação da expressão.

Êsse conceito, em estética, apesar de tam simples, construiu-se mui lentamente no decorrer de séculos, em resultado das sucessivas contribuições de alguns pensadores.

Pode-se dizer teve cinco fases: arte — como criação — a imitação (Aristóteles); algo como a linguagem (Vico); a imagem expressa (Schleiermacher); algo entre a criação e a aplicação da expressão (Croce); a aplicação da expressão.

Êsse filósofo italiano adota na mor parte de sua estética o juízo de arte — criaçao da expressão — ; sómente no capítulo sôbre a evolução da arte sugere que seja exclusivamente — aplicação daquela —, sem, entretanto, dizê-lo explicitamente. Tanto

que ali identifica a estética à linguística geral e dá o histórico todo dessa.

A literatura, portanto, consiste na aplicação da expressão.

Arte — como contemplação — é a percepção da obra de arte associada à sua imagem originária.

Eis a verdade em estética. Desde que a reconheci, não mais vacilei em sacrificar-lhe a hipótese anterior que concebera (arte, indução implícita), sua perfeita antípoda (*As Bases Scientíficas da Estética, Arte e História, Arte e Conhecimento, Ensaio de Crítica Scientífica de Arte*).

* * *

Em outro capítulo de sua História, referente à compreensão dos autores, D. Barreira previne que se não ocupará nem dos escritores que passaram a mor parte de sua vida fora do Estado e nada publicaram sôbre o mesmo, nem de seus scientistas.

Lastimo sinceramente essa dupla omissão, por injustificável.

Com efeito. Mesmo considerando a arte uma associação mais ou menos complexa de imagens, não poderia limitá-la à reprodução do meio físico.

Ela tende até a despresar isso, visando algo mais transcendente. A imitação do exterior já foi feita quasi até a saciedade. Não oferece mais dificuldade. O que se busca actualmente é revelar o nosso interior. Mesmo mais do que o psiquico comum. A arte encaminha-se decididamente para o subjectivo, que deriva sobretudo da afectividade.

Ora, êsse elemento do espírito, o mais profundo do mesmo, é eminentemente hereditário, o que melhor liga o homem aos seus ascendentes.

Quando o escritor descreve os sentimentos dos personagens fictícios, que são na maioria os dele, em qualquer lugar que os disponha, reflecte a alma de seus pais e, indirectamente, o habitat dêsses, isto é, sua pátria.

Igualmente, se a arte é a expressão, devem-se incluir numa história literária os scientístas, encarados, não em suas ideas mas em sua linguagem.

Demais, fôra incoerência tratar aí dos críticos e silenciar sôbre os outros intelectuais.

Espero que o conspícuo historiador, ponderando novamente sôbre isso, elimine as duas falhas.

Poderia fazê-lo, ao menos, na segunda parte de sua obra.

* * *

A respeito da etiologia literária do Ceará, D. Barreira apenas deu um capítulo. Fez bem em ser sóbrio nisso.

Até ha pouco, entre nós, todo historiador de literatura julgava-se com a obrigação indeclinável de começar seu trabalho com longuíssimos capítulos sôbre a terra e a gente do país, afora o sôbre o meio especial, apesar de nada acrescer explicitamente quanto à influência dêsses factores na génese de nossas letras.

D. Barreira eximiu-se inteligentemente dessa ingenuidade.

Algum tempo após de publicadas as lições de Taine, Hennequin chamava a atenção dos estetas para o facto de que sobretudo os dous primeiros meios não comunicam uniformidade às literaturas.

A etiologia dum fenômeno é a parte mais difícil de seu conhecimento.

Apesar da noção de causa haver sido perquirida desde a antiguidade, só há meio século teve sua definição definitiva, graças a E. Mach.

O grande matemático filósofo austríaco, baseando-se nas conquistas da física, estabeleceu-o: causa é a variavel duma função.

Á primeira vista, estranha-se que uma idea quantitativa substitua outra fundamentalmente qualitativa.

Entretanto, desde que nos lembramos que conhecer é numerar, pois todo fenómeno se pode reduzir essencialmente a movimento, isto é, a um de seus elementos básicos, amplitude ou frequência, ou a ambos, conseguimos compreendê-la.

Com efeito. Essa definição pode-se aplicar desde a lógica (relações em si) e matemática (espaço — tempo e quantidade) até a sociologia (grupos de sêres vivos).

E' tam fecunda que, provavelmente, sugeriu aos logicistas

hodiernos a esperança de prescindir-se da indução em sciências não matemáticas (1).

Sendo arte a aplicação da expressão, como essa é produto da colectividade, deve aquela também sê-lo. Ambas resultam da necessidade de comunicação entre os homens.

Mas, qual a condição ou as condições que determinam essa necessidade ?

Não é fácil descobrí-las.

Os recursos econômicos, uma das causas mais importantes em sociologia, devem ser uma delas.

Bem o reconheceu Dolor Barreira.

Incontestavelmente, ela age aí directa e indirectamente. Daquele modo parece intervir mais eficazmente em artes plásticas e mesmo em música do que em literatura. Nessa, sua influência afigura-se-me sobretudo indirecta, pela instrução, ou cultura.

* * *

Desejo que D. Barreira publique logo o resto de sua História, certo de que não será inferior ao tomo primeiro.

Para a sua elaboração irá encontrar muitos subsídios, aliás como já os teve para a da parte impressa no *Dicionário Bio-bibliográfico Cearense,* do Barão de Studart.

Parece-me até que foi um tanto injusto para com o grande historiador de nossa terra, não lhe reconhecendo todo o seu mérito.

---

(1) A êsse respeito, admira-se a intuição prodigiosa de Pitágoras (s. VI a C.) sôbre a natureza da matéria, criando uma religião sobretudo quantitativa: tudo é número. Esse filósofo grego foi um dos que mais concorreram para a construção abstracta da geometria, apenas concreta entre os egípcios. Enunciou o teorema do quadrado da hipotenusa do triangulo rectangulo, base da trigonometria, parte elementar do cálculo integral, porém muito importante (funções circulares).

Certo não podia êle então ter ideas claras e distintas em metafísica. Para o conseguir, necessitámos criar, afora as sciências físicas, a sociologia, e fazê-las progredir até o século actual (religião, sciência primitiva e moral; Deus personificação da moral).

A obra mencionada dêsse, em três grossos volumes, equivale a uma boa exposição da literatura cearense (2).

No tomo terceiro de sua História, conforme o plano apresentado na introdução, vai D. Barreira, afora a bio-bibliografia dos literatos cearenses, estabelecer o valor dos mesmos, por uma crítica pessoal, porém firmada também em todos os documentos compulsados.

Simultaneamente ou posteriormente, por conseguinte, nos dará o quadro geral da evolução dessa literatura.

Eis a parte mais difícil de sua empresa.

Para obter um resultado exacto aí, deve, como todo o crítico, essencialmente, aplicar noções precisas de estética, e, accessoriamente: por em jôgo ampla cultura geral, utilizar a experiência adquirida tanto em obra de arte como nas de crítica que haja feito, e não ser muito afectivo.

A meu ver, cumpre considerar arte, exclusivamente, a aplicação da expressão, em consequência do que explanei atrás.

Necessita verificar em cada obra, primeiro, o grau de precisão da expressão, depois, o de complexidade.

Se ela reproduz preponderantemente estados mentais, será tanto mais perfeita quanto melhor corresponder à realidade respectiva, sobretudo nos traços essenciais. Para isso convém preferentemente o estilo dito realista, sendo-lhe excessivo o naturalista.

Se trata da afectividade, deve encerrar de intelectual apenas o que baste ao seu suporte. Aqui se recomenda o estilo simbolista primitivo, empregado por Mallarmé. Todas as suas variantes, criadas mais por exibicionismo do que por conveniência

---

(2) Por suas multiplas e criteriosas pesquisas sôbre a história do Estado, merece o B. de Studart, de seus conterraneos, sem favor, grande gratidão.

Devia o Instituto do Ceará, na qualidade de grémio intelectual mais antigo e idôneo dos existentes no Estado, propor á Municipalidade e ao povo erguerem monumentos aos expoentes de sua mentalidade, senão individuais, ao menos sob a forma de grupos: lógico-matemáticos e engenheiros, físico-químicos e geógrafos, biólogos e médicos, historiadores, sociólogos e jurisconsultos, artistas, filósofos. Não só guerreiros e estadistas fazem jus a essa homenagem.

A êsses, aliás, faltam os referentes aos colonisadores, aos republicanos de 17 e 24, e aos libertadores da escravatura.

estética, são-lhe inferiores. Muito ingênuas, senão ineptas, as contemporâneas mensagens poéticas.

Quanto à complexidade da impressão, sabemos que a psíquica é menos facil de reflectir do que a física, a subjectiva do que a objectiva.

O grau de exactidão e o de heterogeneidade são os elementos fundamentais que nos indicam a evolução da arte.

O belo, entretanto, não está em relação necessária com a vernaculidade. Nem sempre o mais correcto gramaticalmente constitui o mais artístico. Deve-se ser razoávelmente tolerante nisso.

Para apreciar bem a imagem, impõe-se-nos cultura. Sem conhecimentos de psicologia e de sociologia como julgar os factos respectivos ?

Tem não pequena importância para o crítico a prática da arte.

Certas particularidades dessa se não aprendem nem em compêndios de estética nem com a simples contemplação daquelas obras. Para conseguí-lo, torna-se indispensável construir por si mesmo a arte.

O exercício disso incute-nos vários dêsses conhecimentos, como, por exemplo, o de qualquer artista, salvo se abaixo de medíocre, pode levar suas obras a grande melhoramento, quasi à perfeição, submetendo-as a sucessivas correções, relativamente fáceis. Já Horácio e Boileau o haviam assinalado. Tais defeitos e aprimoramentos, para julgar do talento de seus autores, pois, teem menos alcance do que vulgarmente lhes atribuem (3).

Também influi muito sôbre o crítico a reiteração de seus ensaios.

---

(3) Obtive isso directamente com a prática da arte. Publiquei em 1928 um livro de versos (*Poesias*) e em seguida nunca deixei de fazê-las, embora espaçadamente. Pensei até em dar-lhes uma edição completa e definitiva, havendo corrigido todas as composições que me pareciam defeituosas. Mas desisti, tanto por achar que não havia realizado o meu ideal estético, como em virtude dum juízo pouco optimista sôbre arte. Tambem, pelos mesmos motivos, desisti de publicar um livro de contos. Desde que me persuadi que a arte é apenas a aplicação da expressão. afigurou-se-me que tende á decadência, porque já conquistou a perfeição, tornando-se quasi exclusivamente hedônica. Os espíritos mais lúcidos da actualidade estão dando preferência, claramente, á sciência.

Alguns pontos de vista aí, quasi imprevisíveis, só se podem atingir após uma série longa de esforços. Há razões até, em nossos julgamentos, como que imponderáveis, inefáveis (4).

A quem quer que exerça a crítica cumpre raciocinar com precisão, afim de que não deturpe o silogismo legítimo, tornando-o falso ou mesmo sofístico.

A dedução afectiva é, como o esclareceu Ribot, aquela em que se inclui subrepticiamente na premissa menor o grande termo, de modo a reencontrá-lo fatalmente na conclusão.

A mor parte das qualidades indispensáveis ao bom crítico, possui-nas D. Barreira. E as demais poderá adquiri-las fácilmente, se quizer.

Conto, pois, que o resto de sua obra corresponda à minha expectativa.

Estimaria até que a extendesse a um quarto volume, reservado a uma selecta dos escritores cearenses, com transcrições generosas e variadas, contendo mesmo seus retratos.

Dessa maneira permitiria ao leitor inteligente e culto, cómodamente, apreciar por si cada um dêstes artistas e a evolução dessa literatura, concordando ou discordando do erudito historiador.

---

(4) Consegui isso, tambem, só com a prática da crítica. Fiz anos atrás, pela imprensa, longa crítica a um livro de contos, publicado por um de nossos escritores. Mais tarde a reeditei sob a forma de livro (*O Cearense e a Literatura Regional,* 1926). Mereceu um artigo, em jornal vespertino, de Francisco S. Bueno, professor de filologia da Universidade de S. Paulo. Apesar disso, se fosse refazê-la agora, havia de modificá-la profundamente. Não mantenho mais as mesmas ideas nem sôbre arte nem sôbre crítica.